

REVISTA CICEP
EVOLUÇÃO

OUTUBRO DE 2023 V.2 N.10



DATA DE PUBLICAÇÃO: 10/10/2023

“Nenhum homem é uma
ilha, completo em si
próprio; cada ser humano
é uma parte do
continente, uma parte de
um todo.”
John Doone



SL EDITORA

Revista Evolução CICEP

Nº 10

Outubro 2023

Publicação

Mensal (outubro)

SL Editora

Rua Bactória, 164, Torre 2 - 85 – Jardim Vila Formosa 03472-100

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Rafael Sanches Limonge

Responsável Intelectual pela Publicação

Centro Institucional de Cursos Educacionais Profissionalizantes (CICEP)

Revista Evolução CICEP – Vol. 2, n. 10 (2023) - São Paulo: SL Editora, 2023 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.revistaevolucaocicep.com.br/>

ISSN 2764-5363 (online)

Data de publicação: 10/10/2023

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

O TEATRO NA ESCOLA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Maria Veroneide da Conceição de Sousa.....	4
--	---

O TEATRO NA ESCOLA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Maria Veroneide da Conceição de Sousa

Resumo

A escolha do tema desta pesquisa ocorreu em função de percebermos o valor do teatro como recurso pedagógico, e ainda sabermos a importância desta arte no trabalho com múltiplas disciplinas e, principalmente, tendo em vista o desenvolvimento de conteúdo e da criticidade um importante instrumento a ser utilizado na formação da personalidade do aluno.

Palavras-chave: teatro; criança; lúdico.

Desenvolvimento

A união teatro-educação parece perfeita se considerarmos a vocação do ser humano como indivíduo social. Teatro-educação é uma junção que nos permite usufruir o prazer e da alegria do teatro, sem deixarmos de aprender, de nos formar e de crescer de forma eficaz e completa, em meio a um grupo, tendo em vista uma inserção mais qualificada na sociedade. Além de ter o objetivo pedagógico, ele traz uma forma de prazer, de diversão para as crianças: o aprender brincando.

Pensadores e educadores vêm há muito tempo percorrendo caminhos na tentativa de colocar a arte a serviço da educação. Esses caminhos começaram na Grécia.

Segundo Courtney (1980), a educação grega baseava-se na literatura, música, dança e esportes. A literatura incluía a leitura, escrita e declamação das obras dos poetas, particularmente Homero. Este foi à suprema autoridade em religião e letras. Passagens inteiras de sua obra eram decoradas e então recitadas com todos os recursos teatrais – inflexão, expressão facial e gestos dramáticos. Com isto, podemos perceber que desde a Grécia antiga os povos davam vida a textos que muitas vezes, para nós, não teria significado ao expor em uma atividade teatral. Platão também considerava o jogo dramático fundamental na educação das crianças, independente de suas idades, o qual deveria estar presente para a formação de bons e educados cidadãos. Assim como Platão, Aristóteles deu grande destaque ao jogo na educação, considerando-o de máxima importância, pois acreditava que educar era preparar para a vida, proporcionando ao mesmo tempo prazer. (Reverbel, 1989).

Courtney (1980) ainda destaca que para os romanos, o teatro era uma imitação que teria um propósito educacional se pudessem ensinar lições morais. Horácio (65 a.C – 8 a. C) considerava o teatro uma forma não só de entretenimento, mas também de educação, porque a educação não pode ser parte do entretenimento: “Todo louvor obtém o poeta que une informação com prazer, ao mesmo tempo iluminada e instruindo o leitor” (Reverbel, 1989, p.13).

Tanto para Romanos quanto para Horácio, o jogo teatral é de grande importância. Porém os Romanos acreditam que jogo teatral será um bom recurso se for utilizado para se trabalhar apenas lições morais. E já Homero acha que o teatro não deve ser só uma brincadeira, pois a educação não pode ser apenas parte desta brincadeira, pois o teatro pode trazer uma boa mensagem que o instrua, ou seja, uma nova forma de aprendizagem.

Infelizmente o teatro tão focado na Grécia Antiga não foi valorizado da mesma forma que nos séculos seguintes. Na Idade Média, a Igreja condenou duramente o teatro fazendo objeções de ordem emocional, religiosa e filosófica. A farsa popular satirizada a Igreja. Os costumes pagãos continham um elemento mimético (imitação) e dramático, e por fim, apresentava o pensamento neoplatônico, que gerava conflitos entre o mundo e o espírito. (Reverbel, 1989). A situação começou a mudar por volta do século IX. Com o reinado de Carlos Magno, foram fundados escolas e monastérios por toda Europa. Os trabalhos de Aristóteles foram estudados e o teatro reavaliado. O ensino do teatro propagou-se pelas escolas e por cinco séculos, as e por cinco séculos, as encenações dos mistérios e das moralidades propiciaram a massa educação. Na Renascença, surgiram numerosas academias, onde os estudiosos das obras clássicas encenavam peças latinas. Os membros dessa academia tornaram-se professores e o teatro na escola começou a florescer.

Reverbel (1989) destaca que como consequências disso, as representações escolares tornaram-se comuns. Nas escolas inglesas, por exemplo, o estudo dos clássicos e as atividades artísticas, sobretudo as dramáticas, eram considerados excelentes recursos para o aprendizado da linguagem.

Em conformidade a visão dos gregos, filósofos, em diversas épocas da História, destacou-se importância do ensino das artes na escola através dos jogos de expressão, Montaigne (1533 – 1592) era um dos que afirmava que: “Jogos de criança não são esportes e deveriam ser mais séria ocupação.” (Reverbel, 1989, p.14).

Goethe (1749 – 1832) foi além do conhecimento da importância do jogo e defendeu propriamente o teatro na educação.

“O teatro escolar tem um efeito benéfico tanto sobre o espectador quanto sobre o ator: exige grande valor: ela molda os pensamentos mais íntimos e dessa forma os libera, desenvolvendo a imaginação”. (Courtney, 1980, p.16).

O bom de trabalhar com teatro na escola é a troca de papéis, onde a criança se coloca em outras situações como ser um pai, uma professora etc. esta é uma nova experiência, pois eles se colocam no papel destes personagens e conhecem outros valores, ampliando seus conhecimentos e atos.

Para Rosseau (1712 – 1778), que influenciou profundamente as teorias de Froebel, Pestalozzi e Montessori, a primeira fase da educação da criança deveria ser quase inteiramente baseada em jogos:

“Ame a infância; estimule seus jogos, seus prazeres, seus encantadores instintos. Considere o homem no homem e a criança na criança a natureza deseja que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se tentarmos inverter a ordem, produziremos frutos precoces, que não terão nem

maturação de sabor, e logo estarão estragados”. (Rosseau, apud Reverbel, 1989, p.14)

Rousseau afirma que a criança tem que ser criança antes de ser adulta. Ser criança para ele é preservar seu instinto natural, respeitando seu tempo, suas fases de desenvolvimento. E os adultos conscientes não devem reverter, pois futuramente teremos adultos sem experiência de sua infância e quando puderem vivenciar a fase que passou, será tarde demais.

Para Cavalieri (1997), nós adultos precisamos preservar a infância, estimulando a criança a descobrir seus prazeres nos jogos, no brincar. Devemos respeitar as fases da vida humana. O homem é sempre homem e criança é sempre criança, pois muitas vezes os adultos cobram comportamentos que as crianças ainda não têm obrigatoriedade de seguir, assim as impedindo de viver a sua infância. Nesse sentido, o pensamento de Rousseau sempre nos alerta que a natureza espera que as crianças sejam crianças antes de serem adultos. Assim, com alternância de momentos em que se valoriza a importância do jogo e do teatro e, momentos em que os mesmos eram deixados de lado ou vistos com maus olhos, novos caminhos continuaram a abrir-se, novos rumos foram apontados e trilhados somando-se a ideias dos grandes pensadores e cientistas, e as constantes experiências de professores, compromissados com desenvolvimentos dos educandos em sala de aula. No mundo todo, encontramos tentativas de conferir as artes e, especificamente ao teatro, seu verdadeiro papel na educação.

Segundo Reverbel (1989), a pedagogia contemporânea leva em conta a natureza própria da criança e apela para leis da constituição psicológica do indivíduo e de seus

desenvolvimentos, para defender o respeito necessário às características da infância e seu direito de viver essa fase única e insubstituível.

Nesta visão, Diniz (1995) diz que o Teatro / Educação encontra-se com a psicologia e edifica o eixo principal desse trabalho, centrado na espontaneidade e na criatividade, no psicodrama aplicado ao ensino.

Nesse sentido, Lopes (1987) defende que:

“Acordar o homem – artista é a função de outro homem – artista que procura através da educação e da arte a proposta nova - aquela geradora de novas condições humanas. É preciso acordar o homem – artista, aquele que é capaz de resgatar a ludicidade, a intuição, a criatividade transformadora, desenvolver os sentidos principais para receber e realizar a comunicação estética”. (Lopes, 1987, p.07)

As palavras do autor nos fazem pensar na importância do papel do educador como homem – artista, aquele que estimula o outro homem - artista a desenvolver a ludicidade, a criatividade etc., ou seja, o professor tem que estar em sintonia tanto com o aluno quanto com as atividades propostas, para que essa sirva de estímulo para a educação.

Lembramos de Freire (1996) especificamente em seu livro Pedagogia da Autonomia, no qual defende que só quem é curiosa irá incentivar a curiosidade do educando. Só quem se faz artista, ou cria, poderá ajudar os seus educandos a percorrer esse caminho.

Passaremos no capítulo seguinte a refletir sobre o teatro como dinamizador do processo de ensino, o que só é possível graças a um posicionamento crítico e criativo do educador.

Considerações finais

A pesquisa que deu início a este trabalho que aborda o teatro na Educação Infantil, deu uma ideia geral dos “tipos de teatro” que podem ser aplicados no contexto das atividades de sala de aula. Esses tipos também podem estimular o aluno em diversos aspectos que o levam ao aprendizado, servindo como recurso pedagógico. Quanto às formas de teatro mencionadas nesta pesquisa, os subitens abordam o contexto histórico de cada um, o tipo de material e como cada um pode estimular e contribuir para o desenvolvimento do aluno de um modo geral.

O professor de Educação Infantil trabalha com corações e mentes num período dramático da história pessoal de cada um, quando o ser humano começa a perceber quem ele é e a construir a sua identidade. A ludicidade auxilia na compreensão das coisas mais complexas para as crianças e na compreensão do mundo que a rodeia assim, o teatro contribuirá nesse processo.

Referências Bibliográficas

CAVALIERI, Ana Lucia F. ***Teatro Vivo na Escola***, São Paulo, Editora FTD, 1997.

- COURTNEY, Richard. **Jogo, teatro e pensamento**. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- DINIZ, Gleidemar J.R. **Psicodrama Pedagógico Teatro – Educação seu valor psicopedagógico**. São Paulo, Editora Ícone, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1996.
- LADEIRA, Idalina et CALDAS, Sarah. **Fantoches e Cia**. Editora Scipione, Rio de Janeiro, 1993.
- LOPES, Joanna. **Pega Teatro**. Editora Papyrus, Campinas, 1989.
- REVERBEL, Olga. **Jogos teatrais na Escola**. Editora Scipione, São Paulo, 1993.
- Um caminho do teatro na escola**. Editora Scipione, São Paulo, 1989.
- SANT'ANNA, Catarina. *Revista Tema São Paulo*. **Do tempo Literário ao texto teatral: Caminhos para adaptar**, número 27/29, 1996, p.254 – 265.
- SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. Editora Summes, São Paulo, 1978.

